

O GÊNERO TEXTUAL E O EMPREGO DE VÍRGULAS

Geovana Carina Neri SONCIN¹

RESUMO:

Este trabalho tem por objetivo descrever o uso da vírgula em textos escritos por alunos de uma oitava série de uma escola estadual de São José do Rio Preto, interior paulista, a fim de verificar em que medida os acertos/erros do emprego da vírgula estão relacionados ao gênero textual. O *corpus* foi constituído de 62 produções textuais de alunos de uma oitava série. Das 62 produções textuais, 31 são de gênero narrativo e 31 de gênero dissertativo. Partimos da hipótese de que o gênero é um fator decisivo para a utilização de certas estruturas que favorecem/desfavorecem o uso da vírgula. Dessa forma, os diferentes gêneros textuais, por terem características que lhe são próprias, têm um papel importante quanto à imagem que o escrevente faz de seu texto e, portanto, contribuem com o modo a partir do qual o escrevente organizará seu texto, de forma especial, por meio do emprego das vírgulas. Cabe explicitar que consideramos a escrita como um modo de enunciação e, junto com Corrêa (2004; 2001; 1997), assumimos o conceito de heterogeneidade da escrita. Nosso objetivo é identificar quais estruturas sintáticas relacionadas ao uso da vírgula aparecem nos textos narrativos e dissertativos dos alunos estudados. A partir desse levantamento, mostramos em que medida o gênero textual propicia o emprego dessas estruturas e discutimos se tal relação gênero/estrutura sintática pode ser motivadora da flutuação observada no emprego da vírgula, vista aqui como marca lingüística que possibilita tratar da relação oral/escrito.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita, Letramento, Língua Portuguesa, Vírgula.

Introdução

Neste trabalho, busca-se entender como a noção de gênero, devido às características que são próprias da narração e da dissertação, gêneros analisados neste trabalho, propicia um imaginário da escrita que, conseqüentemente, afeta a utilização de certas estruturas

¹ UNESP, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários; Rua Cristóvão Colombo, 2265, Jardim Nazareth, CEP: 15054-000, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. gi.soncin@gmail.com

sintáticas que, por sua vez, condicionam o emprego de vírgulas. Visto que a vírgula é uma marca lingüística que, a nosso ver, possibilita tratar da relação oral/escrito, os dados que aqui são analisados são uma mostra de como o emprego de vírgulas lida com várias e diferentes dimensões da linguagem e que, por isso, configura-se um lugar delicado para análise, já que, também a norma para seu emprego, por não ser homogênea, constitui-se de uma instabilidade.

Perspectivas teóricas: a heterogeneidade da escrita, as dimensões da linguagem e os gêneros do discurso

Em nossa análise da escrita, assumimos, junto com Corrêa (2004; 2001; 1997), o conceito de heterogeneidade da escrita, que é caracterizado pela relação entre as práticas sociais do campo do oral/falado e as práticas sociais do campo do letrado/escrito. De acordo com o autor, a escrita pode ser vista como um modo de enunciação e, desta perspectiva, é caracterizada pela relação entre as práticas sociais do campo do oral/falado e as práticas sociais do campo do letrado/escrito. Dessa forma, o processo de constituição da escrita é caracterizado não por uma influência da modalidade oral, mas por uma relação entre práticas sociais (orais e letradas) que constituem o texto escrito.

Ao considerarmos o emprego das vírgulas, buscamos fundamento em Chacon (1998), o qual defende que a escrita tem um ritmo próprio, definido pela organização de certas dimensões lingüísticas, e essa organização pode ser assinalada graficamente por meio dos sinais de pontuação, matéria unicamente gráfico-visual, que figura apenas na escrita e

funciona, desse modo, como signo lingüístico, de acordo com Perrot (1980 *apud* CHACON, 1998). As dimensões da linguagem envolvidas nesse processo são sistematizadas por Chacon (1998) e classificadas em dimensão fônica, sintática, textual e enunciativa.

À dimensão fônica cabe estabelecer os vínculos entre pontuação e indicação de pausas, delimitação de contornos entoacionais, marcas de extensão, intensidade e duração de frases. Essa dimensão é, ainda, responsável por destacar o ritmo da escrita. Nessa perspectiva, a dimensão fônica está ligada à tentativa de representação que a escrita promove de algumas características da oralidade.

A dimensão sintática da pontuação, focalizada neste trabalho por meio da identificação das estruturas relacionadas aos erros presentes nos textos dos alunos que compõem nosso *corpus*, tem o papel de delimitar unidades que são definidas por sua composição sintática e pelo papel que exercem na continuidade do texto escrito. Para Catach (1980 *apud*, CHACON, 1998), numa perspectiva lingüística, a dimensão sintática amplia o papel da sintaxe e destaca a função da pontuação em unir e separar partes do discurso, organizando sintaticamente os planos discursivos. É a partir dessa dimensão que a maioria das Gramáticas Normativas sistematiza o emprego da pontuação, apesar de essa prescrição não se apresentar de forma homogênea.

A dimensão textual, por sua vez, é responsável pela organização do texto, ligando elementos textuais não definidos sintaticamente e definindo elementos da globalidade do texto. Mais especificamente, a dimensão textual envolve aspectos ligados à topicalização e à coesão textual.

Por fim, a dimensão enunciativa denuncia o envolvimento do escrevente com o processo de produção do seu texto, fazendo com que os seus estados subjetivos sejam

manifestados por meio de um código escrito e não mais verbal. Desse modo, os sinais de pontuação funcionariam como marcas de interlocução no texto escrito, o que caracteriza o caráter enunciativo da pontuação.

Para além desses dois conceitos teóricos, visto que o objetivo deste trabalho é mostrar em que medida o gênero textual condiciona o emprego dessas estruturas e, conseqüentemente, o emprego de vírgulas a partir da identificação de quais estruturas sintáticas relacionadas ao uso da vírgula aparecem em textos narrativos e dissertativos dos alunos estudados, assumimos a teoria dos gêneros do discurso, desenvolvida por Bakhtin (2003). Portanto, assumimos que, para toda esfera da atividade humana, existem tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais são compostos por uma estrutura composicional, um estilo e um conteúdo.

Tomando por base esses conceitos explicitados, analisamos os textos dos alunos considerando que o gênero textual, por ter uma especificidade característica e por apresentar uma relação entre as práticas sociais orais e letradas, pode condicionar acertos/erros de emprego de vírgulas a depender das estruturas sintáticas empregadas. De acordo com a perspectiva assumida aqui, os acertos e erros no emprego da vírgula ocorrem devido à imagem que o escrevente faz da sua produção textual, mais especificamente, da imagem que ele tem a respeito de um determinado gênero textual e de como se dá a sua organização, levando em conta que a vírgula é uma marca lingüística que nos possibilita tratar da relação oral/falado e letrado/escrito.

Material e Método

Os 62 textos que constituem o *corpus* foram produzidos por alunos de uma oitava série e pertencem ao Banco de Dados do Projeto de Extensão “*Desenvolvimento de oficinas de leitura, interpretação e produção de texto no Ensino Fundamental*”, desenvolvido na UNESP, *campus* de São José do Rio Preto, e coordenado pela Profa. Dra. Luciani Tenani. Os textos, 31 de gênero narrativo e 31 de gênero dissertativo, foram produzidos pelos mesmos alunos, ou seja, dentre os alunos da turma, foram selecionados os textos dos alunos que produziram as duas propostas. Para o levantamento dos dados, seguiram-se as normas gramaticais de Cunha & Cintra (2001) e foram identificados os acertos e erros separadamente para cada gênero textual. Os erros foram identificados e agrupados por tipo de ocorrência quanto à presença e à ausência de vírgula e os acertos foram organizados quanto à presença de vírgula. Quanto aos erros, os diferentes tipos foram analisados segundo o paradigma indiciário de Ginzburg (1992, *apud* CORRÊA, 2004; 1997) a fim de mostrar as evidências da relação entre sujeito e escrita no momento de sua produção textual.

Análise dos dados

No *corpus* deste trabalho, foram encontradas, ao todo, 717 ocorrências que envolvem o emprego de vírgulas. Desse total, 379 foram encontradas nos textos de gênero narrativo e 338 foram encontradas nos textos de gênero dissertativo. Nos textos narrativos, foram encontrados 193 acertos, 160 erros devido à ausência de vírgula e 26 erros devido à presença de vírgula. Nos textos dissertativos, foram encontrados 205 acertos, 118 erros

quanto à ausência de vírgula e 15 erros quanto à presença de vírgula. Esse levantamento pode ser observado, com os percentuais, no quadro geral baixo:

Quadro geral

Ocorrências	Gênero Narrativo	Gênero Dissertativo	Totais
Acertos pela presença	193/379 (50,9%)	205/338 (60,6%)	398/717 (55,5%)
Erros pela ausência	160/379 (42,2%)	118/338 (34,9%)	278/717 (38,7%)
Erros pela presença	26/379 (6,8%)	15/338 (4,4%)	41/717 (5,7%)
Totais	379/717 (52,8%)	338/717 (47,1%)	717 (100%)

A partir das constatações gerais presentes no quadro, tem-se que, nos textos analisados, em ambos os gêneros textuais, há mais acertos do que erros no emprego das vírgulas e há mais erros pela ausência do que pela presença indevida da vírgula. Mais especificamente sobre os gêneros textuais, observa-se que o percentual de acertos é maior nos textos de gênero dissertativo do que nos de gênero narrativo. O percentual de erros pela ausência de vírgula é proporcionalmente maior nos textos de gênero narrativo do que o percentual de erros pela presença nos de gênero dissertativo.

Uma análise dos erros e dos acertos do emprego das vírgulas foi feita de forma a agrupar tais ocorrências de acordo com os tipos de estruturas sintáticas envolvidas em cada tipo de texto, bem como a quantidade para cada tipo encontrado. Os resultados podem ser observados nas tabelas a seguir.

Tabela 1: Erros quanto à presença de vírgula		
Tipo de desvio	Gênero	Gênero
	Dissertativo	Narrativo
Entre oração principal e oração sub. substantiva	1 (6,6%)	2 (7, 7%)
Para separar adverbial não deslocado/ antecipado	2 (13,3%)	2 (7, 7%)
Antes de conjunção coordenativa explicativa	3 (20%)	3 (11, 5%)
Entre orações coordenadas de sujeitos idênticos	4 (26,6%)	--
Entre sujeito e predicado	5 (33,3%)	--
Entre orações coordenadas sindéticas aditivas	---	19 (73, 1%)
Total	15	26

A tabela 1 apresenta os tipos de desvio quanto à presença de vírgula em lugares em que ela não deveria ocorrer. A partir de tal tabela, observa-se que a maior parte das estruturas utilizadas é semelhante nos dois gêneros textuais. No entanto, três estruturas não são comuns aos dois gêneros e essas mesmas estruturas são as que apresentam maior número de desvios.

A presença de vírgula entre orações coordenadas sindéticas aditivas aconteceu nos textos narrativos, mas não nos textos dissertativos. Uma explicação para esse dado é o fato de os textos narrativos analisados apresentarem uma seqüência de ações para os seus personagens. Desse modo, para o escrevente era necessária a colocação da vírgula para a melhor organização de seu texto, do ponto de vista gráfico, e, sobretudo, do ponto de vista fônico da linguagem, uma vez que se fazia necessária uma pausa ou uma mudança de grupo tonal antes de se anunciar a última ação da seqüência apresentada.

Nos textos dissertativos, apareceram vírgulas, desnecessárias, entre orações coordenadas de sujeitos idênticos e entre sujeito e predicado. A vírgula entre orações coordenadas de sujeitos idênticos evidencia a necessidade de o aluno marcar os diferentes argumentos que constituem seu texto e que estão presentes nas orações e, além disso, destaca a variação melódica na passagem de um argumento para outro com a função de focalização de um deles por meio da vírgula. Nas ocorrências desse tipo, o escrevente provavelmente emprega a vírgula pelo fato de ambas apresentarem idéias distintas. De acordo com Chacon (1998), a passagem de uma idéia para outra provocaria uma variação melódica, o que faria, então, o escrevente marcar essa passagem com algum sinal de pontuação, nesse caso, com a vírgula, evidenciando, assim, a suposta necessidade de marcar, por meio do sinal gráfico, a focalização de uma das idéias. Já vírgula entre sujeito e predicado indicia a construção da estrutura tópico/comentário, como definida por Cagliari (1992) já que, em enunciados falados, a estrutura é separada por dois grupos tonais diferentes. Na mudança de um grupo tonal para o outro, pode haver pausa, o que aumenta as possibilidades de empregar vírgula no processo de produção do texto escrito. Para Chacon (1998), a vírgula pode exercer um caráter focalizador ao separar sujeito de predicado, o que, visto em uma dimensão enunciativa, pode ser ancorada na imagem que o sujeito escrevente faz em relação à leitura de seu texto. Essa estrutura aconteceu nos textos dissertativos devido à maior extensão dos sujeitos dessas frases, uma vez que eles não são personagens, como são nos textos narrativos, mas são, na verdade, sujeitos temáticos, ou seja, o tema tratado na dissertação e o que ele engloba são os formadores de sujeitos nas orações dos textos dissertativos.

A tabela 2 apresenta os tipos de desvios quanto à ausência de vírgula, ou seja, a ocorrência é considerada como desvio em relação à norma porque não ocorreu vírgula em lugares em que ela deveria ter ocorrido.

Tabela 2: Erros quanto à ausência de vírgula		
Tipo de desvio	Gênero Dissertativo	Gênero Narrativo
Nas orações subordinadas adjetivas explicativas	3 (2,5%)	6 (3,7%)
Entre orações coordenadas sindéticas	14 (11,8%)	17 (10,6%)
Entre orações coordenadas assindéticas	15 (12,7%)	33 (20,6%)
Para isolar conjunções	26 (22,%)	8 (5%)
Para isolar expressões explicativas	14 (11, 8%)	16 (10%)
Para isolar adverbial deslocado/antecipado	44 (37,2%)	62 (38,7%)
Estrutura <i>não só – mas também</i>	2 (1,7%)	--
Para isolar vocativo	--	18 (11,2%)
Total	118	160

A partir da tabela 2, verifica-se que apenas duas estruturas não apareceram em ambos os gêneros: apenas nos textos de gênero narrativo, ocorreu o vocativo; apenas nos textos de gênero dissertativo, ocorreu a estrutura *não só – mas também*.

O vocativo foi utilizado na narração nos momentos em que houve diálogos entre as personagens, o que não ocorre nos textos dissertativos. Chama atenção o fato de o número de erros com o vocativo ser maior, devido à ausência de vírgula, quando comparado com o número de acertos. Tal constatação pode ser entendida se considerarmos que os vocativos

utilizados eram os nomes dos personagens das narrações; assim, o fato de o nome próprio ser um diferencial em relação às outras palavras da oração pode condicionar a imagem de que não é preciso a colocação da vírgula para isolá-lo, uma vez que é possível identificar o nome próprio e a função dele na frase. Caberia ao leitor, portanto, identificar o nome próprio, vocativo da frase, e, a partir dessa identificação, construir o contorno entoacional adequado.

A estrutura *não só – mas também* foi utilizada poucas vezes: a maioria delas aconteceu nos textos dissertativos e houve apenas uma ocorrência nos textos narrativos. Tal fato explica-se devido à função lógica que a estrutura representa, capaz de mostrar o tipo de raciocínio feito pelo escrevente sobre um determinado assunto. Sobre essa estrutura, é possível verificar também que ela mais favoreceu erros, quanto à ausência de vírgula, do que acertos. Essa constatação a respeito da estrutura *não só – mas também* pode ser explicada pelo fato de ser uma estrutura nova e sintaticamente complexa para os alunos de uma oitava série, pois ainda se encontram em fase de aquisição da escrita. O fato de ter ocorrido apenas 4 ocorrências dessa estrutura em um total de 717 estruturas analisadas confirma essa hipótese.

Tabela 3: Acertos quanto à presença de vírgula		
Tipo de desvio	Gênero Dissertativo	Gênero Narrativo
Estrutura <i>não só – mas também</i>	1 (0,48%)	1 (0,51%)
Nas orações subordinadas adjetivas explicativas	10 (4,87%)	4 (2,07%)

Para isolar conjunções	19 (9,26%)	6 (3,10%)
Para separar elementos de mesma função sintática	40 (19,51 %)	10 (5,18%)
Para isolar expressões explicativas	24 (11,70%)	21 (10,88%)
Entre orações coordenadas sindéticas	30 (14,63%)	30 (15,54%)
Para isolar adverbial deslocado/antecipado	51 (24,87%)	46 (23,83%)
Entre orações coordenadas assindéticas	30 (14,63%)	72 (37,30%)
Para isolar vocativo	--	3 (1,55%)
Total	205	193

A tabela 3 apresenta os tipos de estruturas que favoreceram os acertos quanto à presença de vírgula. Ao compararmos os dados das tabelas 2 e 3, constata-se que as orações coordenadas assindéticas e as conjunções isoladas foram usadas nos dois gêneros, mas favoreceram mais ou menos erros quanto à ausência de vírgulas em um dado gênero textual, pelo fato de terem sido mais ou menos empregadas em cada gênero.

As orações coordenadas assindéticas foram mais utilizadas nos textos de gênero narrativo pela necessidade de o escrevente enumerar as ações que estruturam a trama da narrativa. Percebe-se também que essas orações favoreceram o maior número de erros, uma vez que, para os escreventes, pelo fato de cada uma das orações já apresentar informações diferentes, não se faz necessário o emprego da vírgula, pois o leitor seria capaz de identificar as diferentes orações e construir, dessa forma, os contornos entoacionais apropriados.

Por sua vez, as conjunções isoladas foram mais utilizadas nos textos de gênero dissertativo, uma vez que é exigência desse gênero a explicitação de um desenvolvimento lógico e, portanto, conjunções que expressem idéias, por exemplo, de oposição e conclusão são bastante significativas para atender essas exigências do gênero. As conjunções isoladas favoreceram o maior número de erros, já que, por estarem localizadas no início na oração, não exigiriam a vírgula, a partir de uma imagem criada pelo escrevente.

Especificamente sobre a tabela 3, que apresenta os dados quanto à colocação de vírgula em lugares em que se espera que ela ocorra, verifica-se que o vocativo é a única estrutura que ocorreu somente no texto narrativo pelos motivos já enunciados anteriormente. No entanto, outros dados chamam atenção por marcarem os diferentes usos de um mesmo tipo de estrutura para os diferentes gêneros.

As conjunções isoladas e as orações subordinadas adjetivas explicativas foram mais numerosas nos textos dissertativos do que nos textos narrativos. O maior número de conjunções em textos dissertativos se dá devido à natureza lógica e argumentativa desse gênero textual, o que propicia maior recorrência aos usos das conjunções, já que elas estabelecem relações de sentido entre as orações.

O maior número de emprego de vírgulas para separar elementos de mesma função sintática ocorreu nos textos dissertativos. Esse resultado se deve à utilização da enumeração de exemplos como um dos tipos de argumentos utilizados pelos escreventes para o desenvolvimento dos textos, o que é esperado em razão do gênero dissertativo.

As orações coordenadas assindéticas ocorrem mais significativamente nos textos narrativos, em razão de haver uma seqüência de ações que estruturam o enredo do texto narrativo. Os alunos dessa série não utilizam muitas inversões nem estabelecem relações

com conjunções, mas utilizam as orações assindéticas como forma de expressar a linearidade das ações das personagens.

Quanto aos advérbios, embora eles não tenham apresentado diferenças numéricas quando comparados os dois gêneros analisados, cabe ressaltar uma diferença quanto à natureza desses advérbios. Enquanto nos textos de gênero narrativo apareceram mais advérbios e locuções adverbiais, mais especificamente, de tempo e de lugar, nos textos de gênero dissertativo, além dos advérbios e das locuções adverbiais, ocorreu também um grande número de orações subordinadas adverbiais, dentre elas, as causais, as condicionais e as temporais. Dessa forma, tem-se que, nos textos narrativos, os advérbios foram utilizados para marcar elementos constitutivos da narração: o tempo e o espaço. Já nos textos dissertativos, os advérbios foram usados não apenas para marcar tempo e espaço, mas para a elaboração de tipos de raciocínios, como o hipotético, por meio das orações subordinadas adverbiais condicionais.

Portanto, por meio da análise qualitativa das ocorrências que evidenciaram maiores diferenças quantitativas de um gênero para o outro, observa-se que o gênero, por ser definido e apresentar, dessa forma, tipos relativamente estáveis de enunciado de acordo com as diferentes esferas das atividades humanas, tem um papel condicionante e organizador das estruturas utilizadas e, portanto, pode motivar os erros/acertos do emprego de vírgulas, visto que o escrevente elabora uma imagem não apenas da escrita, mas também e do gênero e sua função e do seu próprio texto, particularmente.

Considerações finais

Ao compararmos os tipos de erros/acertos, bem como a flutuação entre eles, motivados pela utilização de determinadas estruturas sintáticas nos dois gêneros textuais analisados, pode-se verificar que:

- (i) Na análise de dados de escrita e, de forma particular, do emprego ou não de vírgulas, mostrou-se que o escrevente faz uso de recursos da escrita para indicar as informações que, para ele, são relevantes.
- (ii) O estudo do emprego de vírgulas deve levar em consideração aspectos que estão além das convenções ortográficas, ou seja, aspectos mais amplos da linguagem estão em jogo no que se refere à escrita. Dessa forma, o gênero textual e outros recursos da escrita contribuem para a formação da imagem que o escrevente faz de seu próprio texto;
- (iii) Os erros/acertos do emprego de vírgulas estão vinculados a determinadas estruturas que, a depender do gênero textual, são mais empregadas. Portanto, uma pesquisa que se destina a investigar o desempenho dos escreventes em relação à utilização dos sinais de pontuação, especificamente a vírgula, não pode ignorar o gênero textual, uma vez que ele condiciona a escolha de certas estruturas e a organização dessas de modo a configurar um dado gênero textual, o que Bakhtin (2003) chamou de tipos relativamente estáveis de enunciado.
- (iv) As imagens que o escrevente faz da escrita e da organização de seu texto são importantes para embasar as motivações dos erros/acertos da vírgula. Ao assumirmos a escrita como processo, admitimos que o sujeito transita por enunciados falados e escritos e, dessa forma, o emprego da vírgula é visto como marcas que evidenciam a constituição do sujeito de seu próprio texto.

Agradecimentos

À Professora Dra. Luciani Ester Tenani, pela orientação sempre cuidadosa, por apresentar a mim o mundo acadêmico, pela confiança e pelo incentivo a continuar, mesmo que esse seja apenas o começo. Ao Professor Dr. Lourenço Chacon, por contribuir com minhas primeiras reflexões e por estar sempre disposto a ajudar em minha formação.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CAGLIARI, L. C. Da importância da prosódia na descrição de fatos gramaticais. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português falado: níveis de análise linguística*. vol. 2. Campinas, SP: Editora de UNICAMP, 1992.
- CHACON, L. *Ritmo da Escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de português. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias de letramento*. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2001, p. 135-166.
- _____. A heterogeneidade na constituição da escrita: complexidade enunciativa e paradigma indiciário. In: POSSENTI, S.; CHACON, L. (Orgs.). *Cadernos de F.F.C.: Análise do Discurso*. Marília, v. 6, n. 2, 1997, p. 165-186.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. Pontuação. In: _____. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3ed. Ver. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 643-669.

Bibliografia Consultada

- CAGLIARI, L. C. Marcadores prosódicos na escrita. *Estudos lingüísticos – XVIII Anais de seminários do GEL*. Lorena, GEL, 1989, p. 195-203.
- CHACON, L. A pontuação e a indicição de características da dimensão fônica da linguagem. *Estudos lingüísticos – Anais do XLIV Seminário do GEL*. Campinas, v. 26, 1997a, p. 455-460.
- _____. A pontuação e a demarcação de aspectos rítmicos da linguagem. *DELTA* (Revista de PUCSP e da ABRALIN). São Paulo, v. 13, n. 1, 1997b, p. 1-16.
- _____. A pontuação e a delimitação das unidades rítmicas da escrita. *Estudos Lingüísticos* 26. São José do Rio Preto: UNESP, 1998b, p. 64-71.

SONCIN, G. C. N. *A flutuação no emprego das vírgulas: evidências da heterogeneidade da escrita*. In: SEMINÁRIO DO GEL, 56., 2008, *Programação...* São José do Rio Preto: GEL, 2008. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/resumo=3920-08>>. Acesso em: 05.08.2008.